



"Educação como prática de Liberdade":
cartas da Amazônia para o mundo!

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ (UFPA)
SET-OUT 2021

ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

9151 - Resumo Expandido - Trabalho - 40ª Reunião Nacional da ANPEd (2021)

ISSN: 2447-2808

GT07 - Educação de Crianças de 0 a 6 anos

MIRANDO O OLHAR À ROTINA DO BRINCAR DA CRIANÇA EM CASA: PENSAR A INFÂNCIA SAUDÁVEL E COM EXPERIÊNCIAS

Marilete Calegari Cardoso - UESB - UNIVERSIDADE ESTADUAL SUDOESTE BAHIA

Maria Vitória da Silva - UESB - UNIVERSIDADE ESTADUAL SUDOESTE BAHIA

**MIRANDO O OLHAR À ROTINA DO BRINCAR DA CRIANÇA EM CASA:
PENSAR A INFÂNCIA SAUDÁVEL E COM EXPERIÊNCIAS**

Resumo

Este trabalho é fruto de uma pesquisa interinstitucional, em desenvolvimento, envolvendo duas universidades públicas da Bahia, a respeito da potencialidade dos materiais não estruturados para o brincar livre das crianças de creche e pré-escolas. Devido ao contexto pandêmico COVID19, desde março de 2020, com o fechamento das instituições de ensino, buscamos compreender como o brincar das crianças vem acontecendo em suas casas, a fim de analisar a rotina da criança neste tempo de distanciamento social, bem como identificar a cultura lúdica da criança em seu ambiente familiar. Optamos por uma pesquisa com base nos princípios qualitativos, ancorada na fenomenologia que tem caráter descritivo e exploratório. Utilizamos, como instrumento de coleta de informações o questionário online-perfazendo um total de 49 participantes. Neste artigo serão apresentados e analisados dados relativos apenas 20 famílias. Os principais resultados trazem dados reveladores quanto às condições e desafios da rotina das crianças, os brinquedos, brincadeiras e lugares que elas brincam em casa durante a pandemia.

Palavras-chave: brincar livre; pandemia; criança e infância;

Introdução

Olhar é tomar conta daquilo que existe a nossa volta, quando buscamos dar sentido no próprio ato. Neste estudo, nosso olhar nos remete às crianças, em tempo da pandemia do novo coronavírus, o SARS-CoV-2. Miramos com nossos olhos profundos para o brincar livre ou espontâneo da criança e a cultura lúdica no ambiente familiar, para ver o invisível que tem sido pouco falado. E, com isso, abrir caminhos para pensar a infância e a criança mais saudável, natural e com experiências.

Trazemos à baila a rotina do brincar da criança em casa, por compreendermos que é imprescindível discutir e problematizar como um tema emergente. Desde março de 2020, com a chegada da COVID 19 no Brasil as crianças tiveram suas creches e escolas fechadas, e simultaneamente, tiveram que se adaptar junto à família, a uma nova rotina no contexto doméstico, em distanciamento social, para sobreviverem a um período cheio de incertezas e inseguranças. O distanciamento social, causa grandes impactos na saúde mental das crianças

e dos familiares, que lutam com a mudança às atividades remotas², o medo pela contaminação do COVID19, a separação de familiares, o luto, entre outros.

Se torna cada vez mais nítido que esta crise perdurará além da pandemia. Corroboramos com Santos (2020, s/p) ao afirmar que precisamos pensar “na quarentena a partir da perspectiva daqueles e daquelas que mais têm sofrido com estas formas de dominação e imaginar, também da sua perspectiva, as mudanças sociais que se impõem depois de terminar a quarentena”.

Necessitamos refletir a pandemia da criminalização dos movimentos sociais em que o poder estatal tenta transformar em ilegal a luta por direitos e conquistas sociais. A infância e o direito das crianças não ficam fora desse retrocesso. A diretora executiva do Fundo da ONU para a Infância, Unicef, nos alerta que “a pandemia da covid-19 está rapidamente se tornando uma crise dos direitos da criança” (FORE,2020, s/p.).

Essa crise dos direitos, norteia nossa problemática de investigação a respeito do potencial do brincar livre - pouco visto ou não reconhecido no ambiente familiar e no espaço escolar. A desvalorização do movimento natural e espontâneo da criança em prol do conhecimento formal expulsa a ludicidade do espaço de liberdade e exigências da cidadania. Falamos da “supressão dos sentidos”, que se configura pela negação do corpo, quando o corpo é “obrigado a permanecer sentado por horas a fio em ambientes assépticos, com iluminação e climatização artificial e movimentando-se minimamente.” (DUARTE JÚNIOR, 2001, p.76). Os corpos ficam cada vez mais acomodados às cadeiras e o brincar passa a ser relegado a segundo plano.

Este trabalho é parte de uma pesquisa interinstitucional em desenvolvimento, envolvendo duas universidades públicas da Bahia, a respeito da potencialidade dos materiais não estruturados para o brincar livre das crianças de creches e pré-escolas. Devido ao contexto pandêmico do COVID 19, com fechamentos das instituições de ensino, buscamos compreender como o brincar da criança vem acontecendo em sua casa, a fim de analisar a rotina da criança em tempos de distanciamento social, bem como identificar qual a cultura lúdica da criança em seu ambiente familiar.

Metodologia do Estudo

Esta pesquisa pautada em princípios qualitativos, tem caráter descritivo e exploratório, sendo ancorada na fenomenologia inspirada nas obras de Maffesoli (2009), por apontarem uma análise compreensiva dos fenômenos da vida social e a noção de sensibilidade, na ótica do paradigma orgânico, que agrega à experiência a narrativa, a intuição e o fazer inventivo-criativo.

Utilizamos como instrumento de coleta de informações um questionário on-line, com quatro questões abertas referentes a rotina das crianças e quatro questões fechadas referentes ao perfil, tipos de brinquedos, brincadeiras e lugares da casa que a criança mais gosta de brincar. O questionário foi encaminhado para os responsáveis da criança por uma mensagem via *Whatsapp* com o hiperlink do formulário disponível na plataforma *Google Forms*. Tivemos o retorno de 49 responsáveis, mas, neste artigo, serão apresentados e analisados os dados relativos a apenas 20 participantes. Os dados produzidos e discutidos foram tabulados em planilha eletrônica do programa *Excel Windows*. Utilizamos a técnica de análise de conteúdo, com inspiração hermenêutica com as categorias elaboradas a priori: a) a criança e sua rotina em casa em tempos da pandemia; b) os brinquedos, brincadeiras e lugares que as crianças brincam em casa.

Resultados Iniciais do Estudo

a. A criança e sua rotina em casa em tempos da pandemia

A criança é ser humano pequeno, exuberante de vida e de história. Hoje, as crianças enquanto sujeitos sociais deste tempo, transcende o “lugar da criança” e vem sendo marcadas com o movimento e a experimentação (KOHAN,2004). Assim, compreendemos a criança, em sua formação, a partir de demandas e realidades, possibilitando formas de ser e estar no mundo a partir de tempos reais.

Mas, de quais crianças estamos falando neste estudo? Estamos falando de crianças que moram no município de Jequié, interior da Bahia. Crianças que estão no auge do processo de desenvolvimento motor, linguagem e imaginário, com uma força vital, com capacidade de retomar e construir vínculos e experiências, como processo de autoria social.

Dos 20 questionários analisados, observamos que 45% são meninas e 55% são meninos, com faixa etária de 39% com 4 anos, 17% com 5 anos, 11% com 8 anos, 11% com 3 anos, 11% com 2 anos.

Essas crianças têm potencial ativo que interagem e “possuem uma ação social no contexto em que vive e que ela impacta seu mundo, que se apropria dele e que é detentora de um conhecimento do mundo a partir do qual atua e se relaciona com tudo e com todos ao seu redor” (TEBET, 2018, p. 208). Elas são produtoras de suas experiências, por meio do “trabalho de suas mãos ou labor do seu corpo” (ARENDDT, 2007, p. 220). Em outras palavras, as crianças exploram “este mundo à vontade, até esgotá-lo em sua totalidade. [...], mas o faz o sentido de um mundo que abunda, de um mundo onde se pode *gozar a vida*” (MAFFESOLI, 2009, p.83- Grifos do autor).

O distanciamento social na pandemia, levou a criança ao confinamento e trouxe novos desafios para a família. Ficou perceptível que a qualidade da educação também se faz pelas relações entre pessoas, pela socialização e pelo vínculo. Todas as crianças anseiam por liberdade e experiência. Por isso, é preciso “pensar na casa como um possível e potente “laboratório para se descobrir coisas”: pular, correr, pintar, cozinhar, lavar a louça, ler um livro, teatralizar, contar histórias” (TONUCCI, 2020, s/p.). No entanto, ao analisarmos a fala dos responsáveis (R1 e R2) a respeito da rotina das crianças, a casa não tem sido este laboratório:

É difícil conciliar os meus estudos com a rotina em casa, as vezes quando estou muito atarefada deixo ela na casa da minha mãe. (R1)

[...]um momento bem complicado, pois eles têm muita energia, sentem falta do convívio com outras crianças, e infelizmente não conseguimos dá a atenção necessária devido as nossas atividades profissionais e educacionais. (R2)

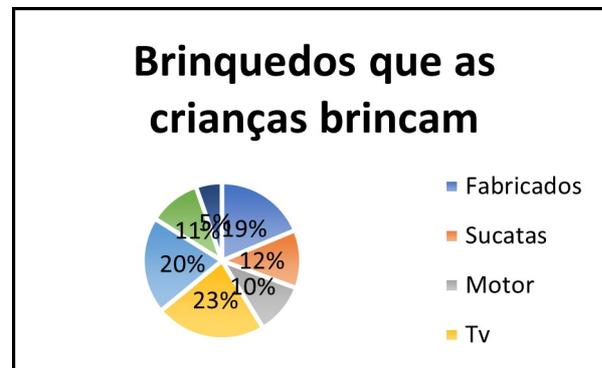
Cada criança recria a vida humana. É uma ideia antiga essa de que nascemos inacabados, que não estamos inteiramente feitos, no sentido de que temos que descobrir e inventar a nós mesmos e ao mundo. Para Pastore (2020), no cenário atual, as infâncias parecem confinadas, em espaços que, parece não permitir sua existência. “[...] *com a rotina quebrada, as crianças ficaram bem estressadas e ansiosas. Em relação ao aprendizado, arrisco dizer que pior do que um estagnação, ouve um regresso*” (R3). Quando pensamos no confinamento, não são apenas de corpos confinados, mas de experiências, de essências, de relações, de toque, de trocas (PASTORE, 2020).

b. Brinquedos, brincadeiras e lugares que as crianças brincam em casa

O confinamento que vivemos, provocado pelo COVID-19, as crianças já vinham sentindo

muito antes da pandemia. No Gráfico 1, percebemos que os brinquedos ou brincadeiras mais realizadas pelas crianças, são experiências que pouco potencializam o movimento do corpo: 23% assistem TV, 20% brincam com o celular, 19% com brinquedos fabricados, 12% com materiais não estruturados e sucatas, e apenas 11% brincam com bicicletas, bolas e outros brinquedos motores.

O Gráfico 1 – Brinquedos que as crianças brincam



Fonte: Fonte da Pesquisa

Para Silva; Kunz (2019, p.101), “os jogos e brincadeiras infantis, do brincar juntos, estão se perdendo e sendo substituídos pelos” jogos eletrônicos”, em geral, de forma solitária”.Essas evidências também são percebidas nas falas dos responsáveis ao apontarem que as brincadeiras das crianças vivenciadas em suas casas na pandemia têm um predomínio para o isolamento:

“Só quer ficar com celular na mão. Fica no quarto, na sala”;

“Quando terminam as atividades nas quais são responsáveis brincam com celular”;

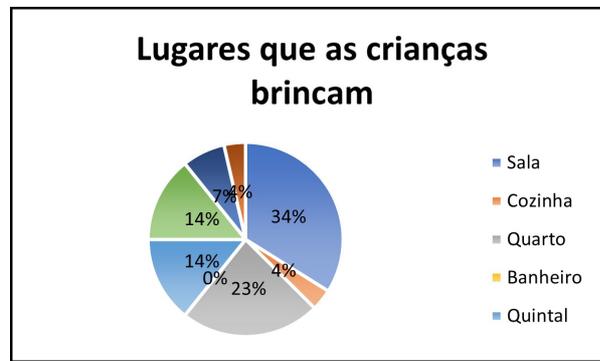
“Passam mais tempo vendo TV”;

“Dentro de casa assistindo TV ou no computador”;

“Celular e no quarto”.

Para Sarmiento (2011), as práticas sociais das crianças na internet são social e culturalmente situadas. A cultura lúdica não desaparece, mas transforma-se e reestrutura-se por efeito do computador, do brinquedo eletrônico e dos programas informáticos. Por outro lado, consideramos que essas crianças vivem numa sociedade majoritariamente urbana, que se apoia em um processo sistêmico que pouco valoriza e desfruta da vida ao lado de fora, que pouco brinca na natureza, se restringido a espaço fechados. O Gráfico 2, indica lugares que as crianças brincam neste período de pandemia, sendo que 34% utilizam a sala e, 23% usam o quarto. Dos espaços exteriores para o brincar apenas 14% utilizam o quintal ou a frente da casa, e 7% utilizam a garagem.

O Gráfico 2 – Lugares que as crianças brincam



Fonte: Fonte da Pesquisa

As brincadeiras e os modos de vida de muitas crianças têm sido empobrecidos de poucas experiências, haja vista, “a maioria das crianças, atualmente, não está autorizada sequer a andar pela própria rua onde mora, as chances de elas explorarem o mundo natural sozinhas são mais remotas ainda” (MEYER; ZIMMERMANN, 2020, p. 25). Experiências e formas culturais não brotam espontaneamente, emergem num recíproco movimento das produções culturais dos adultos para as crianças e das criações geradas pelas crianças nas suas interações.

Considerações em Aberto

As análises iniciais desse estudo, sinalizam que a cultura lúdica da criança em seu ambiente familiar se restringe a espaços fechados, por meio de “jogos eletrônicos”, em geral, de forma solitária. Compreendemos que, as crianças que não têm oportunidade de brincar na natureza, significa que elas não conhecem o seu valor, exceto de maneira superficial. Brincar ao ar livre é a magia da nossa essência. Assim, defendemos por espaços livres em que a criança possa usar sua potência de agir, em processo profundo de singularização. Oferecer espaços de brincadeiras como força de experiências para que ela crie oportunidades para que suas “infâncias” sejam mais saudáveis.

Referências

- ARENDDT, H. **A condição Humana**. 10ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.
- DUARTE JR. J. F. **O sentido dos sentidos**: a educação (do) sensível. Curitiba: Criar Edições, 2001.
- FORE, H. Unicef: covid-19 “está se tornando rapidamente uma crise dos direitos da criança”. **RETS- Rede Internacional de Educação de Técnicos em Saúde**. Publicado em: 13/05/2020. Disponível em: <http://www.rets.epsjv.fiocruz.br/noticias/unicef-covid-19-esta-se-tornando-rapidamente-uma-crise-dos-direitos-da-crianca>
- KOHAN, W. O. **Apontamentos filosóficos para uma (nova) política e uma (também nova) educação da infância**. Rio de Janeiro, 2004. Disponível em: file:///C:/Users/Windows/Downloads/te_walter_kohan%20-%20DEVIR%20INFANCIA.pdf Acesso em 15 de março de 2021.
- MAFFESOLI, M. **A República dos Bons Sentimentos**. São Paulo, Iluminuras: Itáu Cultural, 2009.
- MEYER, B.; ZIMMERMAN, S. **Cidades para brincar e sentar [livro eletrônico]: uma mudança de perspectiva para o espaço público**. [Gehrad Brodt]. Instituto Alana, São Paulo 1ª ed. Ano 2020, São Paulo. PDF.

PASTORE, M Di N. Infâncias, crianças e pandemia: em que barco navegamos? **Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional/Brazilian Journal of Occupational Therapy**, Preprint, 2020.

SANTOS, B. de S. **A Cruel Pedagogia do Vírus**. Coimbra: Almedina; 2020. 32p. ISBN 978- 972-40-8496-1.

SILVA, T. M. R. da; KUNZ, E. O brincar dançante: a criança e sua inerente necessidade de brincar e se-movimentar pela dança. **Corpoconsciência**, Cuiabá-MT, vol. 23, n. 01, p. 100-108, jan./abr., 2019 ISSN 1517-6096 – ISSN e 2178-5945

TEBET, G. G. de C. Protagonismo infantil, pequena infância e docência na educação infantil. In M. W. Santos, C. M. Tomazzetti, & S. A. Mello (Orgs.), **Eu ainda sou criança. Educação infantil e resistência (Cap. 14, pp. 207-216)**. EdUFSCar, São Carlos, 2018.

TONUCCI, Francesco. **A casa como lugar de brincadeira e aprendizado durante a pandemia**. [Entrevista concedida a] Cecilia Garcia. Portal Aprendiz, São Paulo. 18 de maio de 2020, 2020b. Disponível em: <https://portal.aprendiz.uol.com.br/2020/05/18/francesco-tonucci-casa-como-lugar-de-brincadeira-e-aprendizado-durante-pandemia/> Acesso em: 11 de outubro de 2020.

SARMENTO, M. J. A reinvenção do ofício de criança e de aluno. **Atos de Pesquisa em Educação**. PPGE/ME FURB - ISSN 1809-0354 v. 6, n. 3, p. 581-602, set./dez. 2011. Acesso em: 05 set. 2016.

1 No Brasil, até o dia 06/06/2021, havia 476.792 mil óbitos e 17.3 milhões de brasileiros contaminados. Disponível em <https://covid.saude.gov.br/>. Consultado em 9 de junho de 2021.

2 Portaria nº 343/2020 do Ministério da Educação